

## Modernizando a filantropia empresarial: complementando a cultura de doações com uma nova cultura de investimento social

Roberto Mizrahi

### Discurso proferido pelo Presidente do South North Development Initiative.

Buenos Aires, Argentina, dezembro de 1994.

A filantropia empresarial na América Latina é um tema fascinante pelos desafios e pelas grandes implicações que tem sobre aspectos relevantes de nosso desenvolvimento como sociedade integrada, representando um vetor que complementa e se soma a outros esforços que buscam soluções aos problemas nacionais. Tratar de sua modernização implica, inicialmente, realizar uma profunda revisão dos traços tradicionais que ainda caracterizam o processo.

A idéia inicial da filantropia empresarial esteve e ainda está centrada no desejo de apoiar as comunidades onde as empresas operam. Esse interesse pode ser geográfico (apoiando projetos comunitários na área de influência de uma empresa), temático ou funcional (por exemplo, programas para crianças abandonadas, mesmo sem haver uma referência geográfica), ou então combinado (focalizando certos temas em áreas geográficas restritas).

Conquanto os objetivos centrais e prioridades das fundações empresariais sejam definidos por seus proprietários e, em muitas ocasiões, por gerentes ou funcionários de instância inferior, que tentam interpretar os interesses institucionais das empresas, sua perspectiva não se apóia necessariamente em análise sistêmica da realidade nacional.

Algumas ações filantrópicas limitam-se a uma visão de relações públicas, isto é, à projeção de sua imagem na comunidade através de contribuições a "fundo perdido" (a responsabilidade termina com o desembolso desses recursos; confia-se que os resultados serão positivos e o público demonstrará algum tipo de reconhecimento).

Nesse contexto, constata-se que as prioridades filantrópicas não se ajustam às necessidades centrais das sociedades às quais se pretende servir. Surgem baseadas na intuição ou em preferências individuais e, com o tempo e posterior formalização, tornam-se critérios mecânicos de atribuição de doações. Assim, muitas vezes perdem-se valiosas oportunidades de ação, às vezes, únicas.

Há princípios básicos a ter sempre em mente. Primeiro, esses recursos filantrópicos poderiam estar produzindo contribuições muito mais substantivas se houvesse um esforço — como em qualquer outra área das empresas — na escolha da melhor direção para desenvolver uma estratégia consistente e melhorar constantemente a produtividade/eficiência. Segundo, esses recursos filantrópicos são uma rara oportunidade. São valiosos porque são escassos e poderiam impulsionar inovações e soluções sustentáveis que, de outra maneira, não poderiam ser ensaiadas. Podem tornar-se catalisadores de iniciativas, mobilizadores de energias e despertar a participação de vários outros interessados.

Hoje, na América Latina, onde a injustiça social é muito grande, onde os desequilíbrios econômicos são muito acentuados e os países atravessam severos processos de reestruturação, com altos custos sociais, o tema prioritário para a ação filantrópica é a pobreza e sua superação, não somente entendida como reparação ou compensação de carências, mas principalmente como mobilização e integração produtiva de enormes massas de população hoje excluídas do sistema econômico.

Nesse contexto histórico, são necessárias experiências pioneiras além do financiamento de novos empreendimentos. Não se trata apenas de ajudar cem ou duzentas famílias com programas específicos que, uma vez concluídos, deixam certo impacto positivo mas nada organizado. Devem constituir e fortalecer organizações econômicas permanentes, dedicadas a ajudar os pequenos produtores. Deseja-se que essas organizações sejam sustentáveis financeiramente, isto é, que uma vez capitalizadas e assistidas com apoio técnico e gerencial, operem de tal forma que, durante a vigência de seu mandato, assegurem sua viabilidade financeira.

Atualmente, o desafio da moderna filantropia empresarial é, portanto, ajudar a desenvolver uma nova geração de organizações econômicas socialmente responsáveis, orientadas a apoiar produtivamente famílias pobres e pequenos e microprodutores. Com alguma ajuda, estes poderiam participar mais efetivamente do processo produtivo. E esta é uma dimensão muito promissora para o mundo das fundações empresariais.

Essas novas organizações econômicas, socialmente responsáveis, podem ter naturezas distintas. Existem os bancos e outros esquemas especializados no pequeno crédito a microprodutores e existem companhias dedicadas a comprar, vender ou intermediar produtos de pequenos produtores. Sabe-se também de algumas fundações, museus e ONG's que começam a estabelecer atividades econômicas para poder complementar suas rendas e apoiar diretamente certos grupos populacionais. Para fazer isso mais efetivamente, chegam a constituir empresas subsidiárias ou mesmo *holdings* responsáveis por administrar mais de um empreendimento comercial. Existem também novas companhias, ou fundos locais de capital de risco, que a South North Development Initiative (Iniciativa para o Desenvolvimento Norte-Sul) vem promovendo em vários países do sul da África e da América Latina (por exemplo, Argentina e Equador) para facilitar o acesso de pequenos produtores a esse tipo de investimento. Muito embora essas companhias operem com um sentido comercial, apoiadas na disciplina do mercado e dos negócios, sua racionalidade é diferente, já que têm o dever de investir em empreendimentos produtivos de alto impacto social.

Há uma ampla variedade de novas organizações econômicas que começam a emergir em nossos países e cujo papel será crítico para ajudar a configurar melhor o nosso sistema social e econômico. Mesmo que na filantropia convencional seja muito estreito o espaço para esse tipo de inovações, é importante que venham a incorporar à "cultura da doação" a nova "cultura do investimento social". Isso implica a adoção de novo conceito de liderança nas empresas para fazer do esforço filantrópico uma área, no mínimo, da mesma importância e seriedade que as demais. Uma liderança que não aceite a mediocridade nem a complacência como fórmulas inflexíveis, que exija de cada recurso investido o maior impacto possível, coerente com os valores de solidariedade, justiça e equidade de oportunidades.

Tradução, adaptação e condensação por José Roberto Felicíssimo, Sociólogo, Doutor em Ciências Sociais e Professor Assistente Mestre da FEA/USP e PUC/SP.